"ELES NOS DESCOBRIRAM": ÀS MARGENS DO PASSO DOS NEGROS (PELOTAS/RS)

SIMONE FERNANDES MATHIAS[1]; *MELINA MONKS DA SILVEIRA*[2]; *LOUISE PRADO ALFONSO*[3]

[1] *Universidade Federal de Pelotas –simonefernandezpel@gmail.com*
[2] *Universidade Federal de Pelotas - melimonks@gmail.com*
[3] *Universidade Federal de Pelotas – louise_alfonso@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Percebe-se a cidade como uma obra em constante movimento, que está sendo construída de diversas maneiras, por diversos olhares. Pelotas é uma cidade que abrange diversos grupos. Cada canto, cada rua, cada caminho tem sua história e peculiaridade. Aqui, trago o Passo dos Negros, lugar de suma importância nessa cidade. Esse território fica às margens do Arroio São Gonçalo, vizinho do bairro Navegantes e também da localidade Balsa, considerados "bairros" periféricos de Pelotas. No passado conhecido como Passo Rico, devido a tamanha fartura de bens produzidos nesse período, por homens, mulheres e crianças negras, que aqui chegaram escravizadas/os. Pois sabemos que, com o fim das charqueadas e a "abolição", o negro ficou à sua própria sorte, e nesse espaço fixou seu lugar de pertencimento.

Falar do Passo dos Negros de hoje, sem lembrar o de outrora é quase impossível, pois esses períodos vivem interligados, no cotidiano e nas narrativas de seus/suas moradores/as. Para AGIER (2015), a cidade deve ser compreendida e entendida como um processo de fazeres,pois o fazer cidade é o meio para a instauração do direito à cidade. Os acontecimentos do passado, ainda hoje, são lembrados e sentidos. Fatos são revividos, mostrando pertencimento ao lugar, destacando a presença de humanos e não-humanos de diferentes temporalidades. Para Turner (2008), nos momentos de perigo, quando os papéis sociais do cotidiano são colocados em risco, surgem novas possibilidades, na criatividade e inventividades das relações humanas. Processos de mudanças, como rituais, buscam reorganizar contextos sociais, impondo novas ordens sociais.

Nas saídas à campo no Passo dos Negros, nos deparamos com uma outra Pelotas, uma cidade que não é vista nos mapas oficiais. Os marcos do tempo que lá existem, são tão ou mais importantes dos que os vistos e reconhecidos como patrimônio no centro da cidade, pois estes contam histórias vividas cotidianamente (CERTAU,1994). Podemos dizer que as narrativas do Passo, são resistentes, multiformes e teimosas em resistir a tanto apagamento.

Essa cidade é praticada nesse espaço, percebemos nas casas, canteiros de flores e verduras, nas pracinhas improvisadas com balanços de pneus, no escorregador de tabúa, provavelmente a sobra de alguma construção. Nos anúncios de produtos de limpeza ou no novo brechó de roupas usadas, nos pequenos comércios, na serralheria de um morador da Estrada do Engenho que a noite vira quarto para seu filho. Lugar que criam-se laços afetivos e sagrados, como as casas de religiões de matriz africana, fortalecendo o forte vínculo com as águas, ou com as figueiras centenárias onde são depositadas as oferendas aos Orixás, mostrando a resistência dessas religiões. Podemos dizer nesse contexto,que o fazer cidade,é um movimento contínuo de sua construção e desconstrução (AGIER 2015).

2. METODOLOGIA

Este trabalho vem sendo realizado e acompanhado desde de 2014, pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR, do Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com a proposta de trabalhar com etnografias coletivas de antropólogas(os) em formação da graduação e Pós-graduação. E também, a partir da contribuição da disciplina Cidades e Suas Margens: Trajetos, Percursos e Mapas. Atenta para o processo de invisibilidade e marcas de distinção que se mostram no Passo dos Negros, a proposta é mostrar como a cidade se reinventa nesses espaços e, por meio das narrativas, se percebe outra maneira de ver e fazer cidade. O viver na cidade carrega muitas historicidades e saberes, o que permite pensá-la em muitas transformações. A paisagem urbana é heterogênea, pois conseguimos ver temporalidades na materialidade, assim, como perceber as maneiras de ver os valores e sentimentos dos indivíduos que ali estão (ALFONSO; RIETH, 2016).

Em relação ao trabalho de campo, a etnografia, enquanto modo de fazer, busca destacar as narrativas dos/as interlocutores/as, moradores/as do Passo, principais interessados/as no assunto. A pesquisa tem sido realizada da seguinte forma: através do trabalho de campo, rodas de conversas na comunidade, exposições itinerantes na Semana do Patrimônio e em outros eventos, apresentações de trabalhos sobre o tema, programas de rádio, em audiências públicas e outros espaços que as/os interlocutoras/es solicitam a presença das/os pesquisadoras/es. O trabalho de extensão é feito em conjunto, por uma equipe, onde reúne várias áreas, em uma perspectiva multidisciplinar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fazer-cidade é uma maneira para entender e compreender o direito à cidade, de hoje, nesse momento o que vive o Passo dos Negros. Pensar também

que é nessas fronteiras que estão as ocupações, invasões, os esquecidos (AGIER, 2015). Como se existisse uma barreira invisível que mostrasse a qual lado pertencem, mas não podemos esquecer que esses "invisíveis" transitam diariamente do lado de cá, pois muitos são recicladores, guardadores de carro, empregadas domésticas que se deslocam para trabalhar nos bairros e centro de Pelotas, que contribuem com seus serviços, exercem também cidadania, mesmo que a "cidade ideal" não os reconheça, numa das muitas narrativas que ouvi, esse fato fica evidente, "*eu saio todos os dias da senzala, para trabalhar na casa grande… dez, doze horas…*", confirmando que a Charqueada, só mudou de endereço.

Faz pensar, que se esses indivíduos contribuem para a sociedade, por que não têm acesso à infraestrutura, ao saneamento básico, ao lazer e continuam a andar pelos trajetos e carregar o estigma de "diferentes"? Para HARVEY (2011), a cidade se mitifica, pois é um espaço construído, ela é virtual, faz parte do tempo e do espaço. O cotidiano e as suas transformações se interligam. Há de se pensar que o Passo dos Negro se localiza numa "mancha" invisível(MAGNANI,1993). Possui seus marcos do tempo, como o Osório Futebol Clube, que faz a parte social naquele espaço, o Engenho Pedro Osório, que remete ao tempo que existia trabalho, a Escola de Visconde de Mauá, sendo a primeira que lá existia, a Ponte dos Dois Arcos, sendo essa a última feita por mãos escravas, as Figueiras centenárias da Noiva e da Ponte, que guardam a história das religiões de matriz africana, assim como é a morada da noiva, dos orixás, do negrinho do engenho, a qual suas narrativas continuam vivas nas oralidades da comunidade. Convém pensar, que esses bens precisam ser preservados para a comunidade.

Ao longo da disciplina Cidades e suas Margens: Trajetos, Percursos e Mapas, foi possível pensar nas diversas formas de pertencer ao espaço, como eles são vistos, sentidos e como podem ser classificados por categorias, a qual se permitem explorar as relações entre as práticas coletivas e o espaço por onde se manifestam (MAGNANI,1993). Assim como na cartografia realizada em aula, foi possível questionar o mapa dito "oficial", juntamente com o mapa a qual as pessoas se reconhecem, como os pontos importantes para a comunidade. A cartografia é uma imagem escrita, mas potente, pois ela nos permite afetar, devir, e escutar. (GUATTARI,1985). Podemos pensar numa cartografia através das margens, que foge de idéias da espacialidade, como também não só se guiar pelo que já está pronto, mas construir novas, a partir do olhar da comunidade envolvida, com uma linguagem de cartografia da realidade, através de desenhos, vídeos, fotos e de saberes (SEEMANN, 2OO3).

Mas o que se detém, neste momento, no Passo dos Negros, é a crescente especulação imobiliária, chegando através de condomínios fechados, construídos e em fase de construção. O muro alto, que guarda casas de dois pavimentos, cercados por câmeras de segurança, realça com os casebres de madeiras, alguns improvisados com papelões. Muitos moradores do Passo já receberam notificações de saída. Mostrando todo o impacto do capitalismo, a globalização e as manifestações do poder, não levando em conta a construção do passado nesses lugares, considerados periféricos (SANTOS, 1999). É de se pensar, e muito, que cidade é essa, que não reflete a questão do pertencimento da comunidade? Onde estão mais propensos de serem excluídos e removidos para longe, sendo uma maneira de se apagar a história de Pelotas. Não podemos

esquecer: se a cidade é a referência que é hoje, no patrimônio material e imaterial, se deve muito a história que começou no Passo dos Negros. O Passo dos Negros sempre existiu e trava uma luta incansável para continuar existindo. E uma das narrativas mais fortes que ouvi, mostra a situação a qual esses/as moradores/as do Passo dos Negros estão vivendo, conforme Seu Aniba, morador do Passo, "*eles nos descobriram, não para nos ajudar, mas para nos tirar de nosso lugar*".

4. CONCLUSÕES

A partir da abordagem que trabalhamos, o fazer antropológico dialoga com a comunidade, tendo essa como prioridade na condução de todo o processo de pesquisa. O estar em campo contribui com essa aproximação, pois exercemos uma das grandes regras da Antropologia: sermos éticos e nos colocarmos no lugar do outro a todo momento. Mostramos, assim, como o território é usado, ocupado e construído. Deve ser analisado e pensado, como uma teoria deve ser vivida, onde decisões interferem no futuro de pertencimentos de lugares, pois mudam toda uma história.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSO, Louise; RIETH, Flávia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto bem cultural. In: SCHIAVON, Carmem Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia. (Orgs.). **Patrimônios Plurais**: iniciativas e desafios. Rio Grande: Ed. da FURG, v. p. 131-147, 2016.

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer cidade. O antropólogo a margem e o centro. **Mana**, Rio de Janeiro, v.21, n. 3, 2015.

CERTEAU, De Michel. **A invenção do cotidiano**. V. 1. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

GUATTARI, Félix. Espaço e Poder: a criação de territórios na cidade. **Espaço e Debates**, São Paulo, n.16, p. 109-120,1985.

MAGNANI, José. Da periferia ao centro da cidade: pedaços e trajetos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 35,1993.

MILTON, Santos. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos Ippur**,v. 2, p.15-25, 1999.

SEEMANN, Jörn. Mapas, mapeamento e a cartografia da realidade. **Geografares**, n. 4, 2003.